

# 3

## A adolescência e a família

*Não há família que possa ostentar o cariz:  
"Aqui não temos problemas".*

Provérbio chinês, citado por Bruno Bettelheim.

*A adolescência é um tribunal inesperado:  
O julgamento do pai pelo filho,  
O julgamento do filho pelo pai.*

Paulo Mendes Campos (1922). *O tempo da palavra*

*Na vida íntima das famílias chega um momento em que, voluntária ou  
involuntariamente, os filhos passam a ser juizes de seus pais.*

Balzac (1799-1850). *A procura do absoluto*

*Se ao menos os pais soubessem como chateiam os filhos!*

G. Bernard Shaw (1856-1950). *Mesalliance*, episódio I

*São mais que inimigos... são irmãos.*

Pitigrili

*... e se alguém passou dos trinta anos, podemos tê-lo já por morto.*

Goethe, *Fausto* (Bacalaureus)

**D**evemos considerar que nossa sociedade sofre intensas e profundas transformações nos vários níveis que a compõem: econômico, cultural, de valores, etc. O grupo familiar, por conseguinte, acompanha estas transformações.

O grupo familiar, que poderíamos chamar de "patriarcal", cede, atualmente, lugar ao grupo familiar "nuclear". A família "patriarcal" reunia vários graus de parentesco (avós, tios, primos, etc.) geograficamente próximos e, muitas vezes, com ligações econômicas entre si. Eram oferecidos à criança, nesta "grande família", vários modelos identificatórios. Sempre havia alguém adulto que poderia ficar com ela ou auxiliá-la quando necessário. A mãe, em geral, não estava inserida no mercado de trabalho — podendo se dedicar quase que integralmente aos filhos, havendo, portanto, um "ambiente" mais consistente e protegido e inclusive com espaços geográficos (pátio, rua, etc.) que propiciavam os requisitos necessários aos brinquedos infantis.

Em contrapartida, hoje nos defrontamos, de forma cada vez mais freqüente, com grupos familiares constituídos pelos pais e um ou dois filhos, morando em geral distantes de seus grupos familiares de origem, tendo poucos contatos com suas relações de parentesco e estando ambos os pais inseridos no mercado de trabalho. Ficam, com isso, as crianças (nossos futuros adolescentes) privados das oportunidades oferecidas pela estrutura familiar que seus pais eventualmente experienciaram. Assim, os adolescentes de hoje se criaram, em geral, nesta estrutura familiar "nuclear", distinta daquela que seus pais viveram. Talvez seja por isso que nos últimos anos crianças e adolescentes se dirijam aos adultos em geral como "tios" e "tias", numa tentativa de buscar os laços de parentesco "perdidos" na transição de uma geração para outra.

Todos os outros mamíferos, em questão de horas, dias ou no máximo semanas, são capazes de se locomover e de providenciar — por exemplo — sua própria alimentação. Nós, ao contrário, nascemos muito imaturos e dependentes. Na verdade, a "independência" é algo que nunca atingimos totalmente; fazemos como o navegador que se orienta e toma o rumo de uma estrela (a independência...), sabendo que este é o caminho certo a ser tomado, mas que nunca chegará na estrela. Talvez a dependência do outro seja o tributo que a espécie humana tem de pagar pelo desenvolvimento do córtex cerebral, que nos permite pensar e nos diferenciar das outras espécies animais.

Nenhuma outra espécie de mamífero apresenta tão grande dependência de cuidados maternos (e paternos) como a espécie humana. Assim, podemos considerar que a dependência dos pais, entre nós, é muito importante, embora possa variar com as diferentes culturas; que "independência emocional" é algo que nunca atingimos totalmente; e que uma das tarefas centrais da adolescência é a independização. Esta, é necessário deixar claro, não é uma ruptura com a família, mas sim a transformação de vínculos infantis de relacionamento por

um outro tipo de vínculo com o adulto. Tal transformação pode ser vista como um processo contínuo, que será fundamental para o desenvolvimento, que, assim, "sentirá" a perda por uma "dor" que será por si só uma vez, como o narcisismo — devem dar um do adolescente da vida adulta nem denegri- evidentemente

No nos se torna ad- reativando vezes, como cer". Adoles- timentos, en- ro, e os pa- adolescente- ro, como é forma tão "desempenh- anos". Este- cente pode- pode ser es- ou o trabalh-

Por is- também ca- o filho, usa- até então),- ção de de- tempo...) e- crises com- se ao surg- Uma- a projeção- crianças, e- seu futuro



um outro tipo de vínculo mais maduro, mais independente e mais adulto. Tal processo é, sem dúvida, doloroso tanto para os adolescentes como para os pais. Para estes, a forma como vivenciaram tal processo com os seus próprios pais (os avós de nossos adolescentes...) será fundamental. Para poder se independizar, ocorrerá, neste momento, que o adolescente necessitará "desvalorizar" os pais, pois, assim, "sentirá" que se afasta "sem perder muito". Os pais passarão por uma "dura prova" porque esta conduta, por parte do filho, lhes será por si mesma dolorosa e porque, na verdade, erraram muitas vezes, como acontece sempre na condição humana, mas que nosso narcisismo — maior ou menor — torna difícil de aceitar. Os pais devem dar uma "moratória": aceitar compreensivamente esta postura do adolescente, até que — em geral ao final desta etapa ou no início da vida adulta — eles possam ter uma visão mais real, não idealizada nem denegrida, de seu pai e de sua mãe. Esta "aceitação" não sugere evidentemente "falta de colocação de limites".

No nosso entender, quando um grupo familiar tem um filho que se torna adolescente, este grupo como um todo "adolesce": os pais, reativando seus elementos adolescentes, poderão portar-se, muitas vezes, como tal; e os irmãos mais novos também irão querer "adolescer". Adolescência, na nossa cultura, é assim: desperta variados sentimentos, entre eles a inveja. Por exemplo, o adolescente fala do futuro, e os pais têm um discurso cada vez mais centrado no passado. O adolescente "fica", envolvendo-se ora com um, ora com outro parceiro, como é natural nesta etapa, e o adulto não pode "ficar" de uma forma tão "simples" como seu filho. O adolescente tem um crescente desempenho físico enquanto os pais começam a sentir "o peso dos anos". Estes são apenas alguns exemplos da "inveja" que o adolescente poderá despertar no adulto. E o que observamos na família pode ser estendido para diversas outras situações, tal como a escola ou o trabalho.

Por isso, não é incomum vermos o pai (o mesmo poderá ocorrer também com a mãe, irmão, etc.) "adolescente" passar a vestir-se como o filho, usando *jeans*, camiseta e tênis (algo que não lhe era comum até então), começar a fazer exercícios físicos sob o pretexto de prevenção de doenças (embora já soubesse da necessidade disso há muito tempo...) e querer sair, "ter liberdade"... Acreditamos que muitas crises conjugais e as assim chamadas "crises de meia-idade" devem-se ao surgimento de um filho adolescente no grupo familiar.

Uma outra questão importante, e também bastante conhecida, é a projeção que os pais fazem de seus desejos no filho. Quando ainda crianças, os pais começam a fantasiar como gostariam de que fosse "o seu futuro filho". As relações com seus pais (avós do nosso adoles-



cente) influem decisivamente também neste aspecto. Se observarmos a menina brincando "de família" com suas bonecas, veremos que existe ali uma idéia de como ela gostaria de ser como mãe e que filho gostaria de ter. O mesmo se passa com o menino ao brincar com seus bonecos e super-heróis. Posteriormente, quando adultos também têm uma imagem fantasiada e idealizada de um filho. Quando encontram um parceiro e o concebem, o casal passa a imaginar uma outra criança. Assim, antes de nascer o nosso adolescente, existem várias fantasias de como os pais gostariam que ele fosse (e não só dos pais como também de avós, tios, irmãos mais velhos, etc.).

Não se pode esquecer, no entanto, que a criança que nasce é "real", com singularidades, particularidades específicas e que se confrontará com os vários "bebês idealizados" das fantasias familiares. Desde o momento do nascimento (e eventualmente mesmo no período pré-natal), a criança começa a mostrar-se como um indivíduo: quer alimentar-se quando ela própria o deseja e não nos horários que a mãe se dispõe a fazê-lo, quer ter seu próprio ritmo de sono, defeca e urina quando deseja, às vezes até quando a mãe acaba de trocar as fraldas. Não esqueçamos que uma das primeiras palavras de uma criança é o "não!". Isto significa que ela diz à mãe que tem desejos próprios e que começa a descobrir — por oposição — que é "independente" da mãe. Esta situação, obviamente, se intensifica na adolescência, quando o adolescente trata de definir sua identidade, entre outras maneiras, pela oposição às idéias e valores dos pais. É como se ele dissesse a si próprio: "me opondo a meus pais, descubro-me como alguém com uma identidade própria e não dependente deles".

Se pensarmos em tais elementos, poderemos compreender que é necessário que os pais possam aceitar esta fase de oposição da adolescência inicial e tolerar quando, com muita frequência, eles são promovidos "aos piores pais do mundo".

Este processo de estabelecimento de novos vínculos com a família e a sociedade, não mais em termos infantis e sim dentro de um modelo mais adulto, é uma das tarefas básicas da adolescência.

## Referências Bibliográficas

- BERNSTEIN, I. *Psicoanálisis de la estructura familiar*. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1981.
- MARCELLI BRACONIER. *Manual de psicopatología do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- MEAD, M. *Cultura y compromiso*. Estudio sobre la ruptura generacional. Buenos Aires: Granica Editor, 1971.

- PEARSON, G. M. J. *La adolescência y el conflicto de las generaciones*. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1970.
- PINCUS, DARE. *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1981.
- OSÓRIO, L. C. e colaboradores. *Medicina do adolescente*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1982.
- OUTEIRAL, J. O. Distúrbios de Conduta na Adolescência. In.: MAAKAROUN, M.; SOUZA, R.; CRUZ, A. *Tratado de adolescência*. Rio de Janeiro: Editora Cultural Médica, 1991.
- . Distúrbios psicossomáticos na adolescência. In.: MAAKAROUN, M.; SOUZA, R.; CRUZ, A. *Tratado de adolescência*. Rio de Janeiro: Editora Cultural Médica, 1991.
- SOUZA, R. *Os filhos no contexto familiar e social*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- SOUZA, R.; OSÓRIO, L. C. *Nossos filhos, a eterna preocupação*. 4. ed., Porto Alegre: Globo, 1985.
- SPOCK, B. *Adolescência, agresión y política*. Argentina: Granica Editor, 1971.